

TEMPOS, ESPAÇOS E SUBJETIVIDADES:

LIDANDO COM NARRATIVAS ORAIS DE TRABALHADORES DA THYSSENKRUPP

Heloisa Helena Pacheco Cardoso*

As narrativas orais constituem fontes de pesquisa instigantes. Elas nos apresentam interpretações de processos vividos pelas pessoas no ontem, mas relatados no presente. Quando entrevistamos trabalhadores de empresas para compreendermos suas visões sobre o trabalho, as relações vividas no interior das fábricas e fora delas, suas experiências com as mudanças tecnológicas ou com as exigências impostas pelo processo produtivo, algumas dificuldades se apresentam, o que nos leva a buscar caminhos de análise que priorizem os sentidos sociais do vivido. Uma primeira questão que enfrentamos é tendência que temos de buscar nas falas de nossos entrevistados uma padronização de respostas que possam nos informar sobre o que foi, ou é, trabalhar em uma empresa. Esse caminho, aparentemente fácil, pode nos levar à construção de descrições “verdadeiras”, apoiadas no estatuto da veracidade que os trabalhadores possam ter, seja pela sua qualificação, seja pelo tempo de permanência no emprego. Outra questão é a tendência, presente em alguns estudos sobre processos de trabalho, de tratar os trabalhadores como uma unidade, esperando deles um discurso sobre a exploração capitalista, que descrevesse as condições de trabalho, a disciplinarização no interior das unidades produtivas e as lutas para mudar as situações vividas. Nas duas questões, as narrativas orais são tratadas como documentos portadores de verdade, desconhecendo os aspectos subjetivos das relações sociais construídas entre trabalhadores, entre eles e os setores hierárquicos e com amigos, familiares e colegas fora do ambiente de trabalho.

Valorizar a diversidade das experiências e das interpretações sobre elas, buscar entender o tempo dos relatos à luz das expectativas do presente, considerar o lugar social dos depoentes no momento da entrevista e como ele informa visões do passado,

* Professora do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, na Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo.

essas preocupações mudam nossa observação histórica sobre as narrativas orais, ao priorizar a riqueza dos enredos construídos não só no que eles têm em aproximação com outros, mas também no que têm de específico em cada um.

O objetivo da reflexão que propomos aqui é o de colocar em debate interpretações dos processos de trabalho por trabalhadores da ThyssenKrupp presentes em suas narrativas. Utilizamos para isso entrevistas orais gravadas pelo Museu da Pessoa em 2007, por ocasião da comemoração dos 40 anos da ThyssenKrupp Bilsten Brasil. Escolhemos dentre elas algumas fornecidas por trabalhadores que possuíam muitos anos de trabalho na ThyssenKrupp, ou seja, mais de 20 anos, contados desde os anos em que as incorporações ainda não eram uma realidade, e com outros com contratos mais recentes, ou seja, em torno de 08 anos. O que une estas narrativas é, primeiro, o fato de trabalharem na unidade de Ibirité, contratados diretamente para ela ou transferidos da unidade de São Paulo para Minas Gerais, e, segundo, terem participado do ato comemorativo dos 40 anos, que instituiu memórias sobre a trajetória da empresa, projeto que compõe o Programa de memória Institucional do Museu da Pessoa.

Gravadas em outro tempo e outros espaços, nos debruçamos também em duas entrevistas gravadas em 2011¹ pelos pesquisadores no projeto “Nada enraíza em um lugar só. Memórias e globalização: um estudo sobre os trabalhadores da ThyssenKrupp”². São narrativas de pessoas que têm histórico de luta sindical, no seu aspecto mais amplo, e analisam as questões do trabalho a partir dessa perspectiva. As

¹ As entrevistas gravadas no projeto, analisadas neste texto são as seguintes:

- Carlos Juvêncio Alves – Dedinho. Entrevista gravada em 21/03/2011, em Contagem, por Sérgio Paulo Morais e Túlio Barbosa;

- Júlio César Martins e Danilo Almeida. Entrevista gravada em 2011, na cidade de Santa Luzia/MG, por Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais.

² “Nada enraíza em um lugar só” é uma pesquisa interinstitucional, envolvendo, no Brasil, pesquisadores de três instituições de ensino superior: PUC/SP, UFU/MG e UNIOESTE/PR. A coordenação geral do projeto é da Prof^a Dr^a Yara Aun Houry, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A equipe de pesquisadores trabalha em cooperação acadêmica com o Prof. Alessandro Portelli, da Universidade La Sapienza di Roma e do Circolo Gianni Bosio.

fontes orais que estamos lidando apresentam, portanto, diversidades enquanto narrativas colhidas em situações, tempos e com objetivos diferenciados. .

A história recente da ThyssenKrupp insere-se nas mudanças do capitalismo, a partir dos anos de 1980, com a globalização dos mercados e com a produção e os empregos se deslocando além fronteiras, quando as empresas buscam custos menores e exigências sociais reduzidas nos contratos de trabalho. O grupo TK AG é uma empresa transnacional, tem sua base na Alemanha, mas dois terços de seus trabalhadores e clientes estão fora da Alemanha. Está ligada a uma série de empreendimentos no mundo todo, não só na Europa, como também nas Américas, na Ásia e na Oceania. No Brasil, são várias as subsidiárias do grupo, atuando em diversos setores. A ThyssenKrupp Automotive Systems do Brasil Ltda³ faz parte dele e atua nos ramos siderúrgico, automotivo, equipamentos industriais, elevadores e serviços. O Brasil tornou-se um mercado importante no setor automotivo com o crescimento da produção da indústria automobilística brasileira nos anos 1990. A primeira unidade deste setor foi a de São Bernardo do Campo, fundada em 1997, para atender a Ford e posteriormente a Honda. A unidade de Ibitiré, em Minas Gerais, foi instalada em 1998 para atender a Fiat Automóveis. Em 2002, outra fábrica foi instalada no pólo industrial de Camaçari, na Bahia, produzindo módulos de suspensão para a Ford.

A integração das atividades financeiras, administrativas e de informática se deu com a formação do grupo ThyssenKrupp Bilstein Brasil Molas e Componentes de Suspensão em 2006. No seu histórico vemos uma série de incorporações e alterações de nomes que remontam a 1967. Nesta data⁴ a Hoesch Molas iniciou suas atividades no Brasil produzindo inicialmente feixe de molas e depois molas helicoidais e lâminas de aço. Em 1973, a Hoesch se incorpora a Scipelliti, passando a denominar-se Hoesch Scipelliti Indústria de Molas Ltda.. Em 1981, fruto de outra incorporação, denominou-se Estel Hoesch Indústria de Molas Ltda., retornando à denominação de Hoesch Indústria de Molas Ltda. em 1982. Em 1992 a Hoesch incorporou-se ao

³ Conferir em <http://www.tkasb.com.br>. Acesso em 22/05/2012.

⁴ As informações contidas neste histórico são encontradas em: WWW.tkbilstein.com.br e WWW.bilstein.de/about-bilstein/history.html. Acesso em 17/11/2010

grupo Krupp Automotive. Com a fusão dos grupos Thyssen e Krupp na Europa, em 2002 passou a ser ThyssenKrupp Molas Ltda., denominação que foi alterada em 2006 para ThyssenKrupp Bilstein Brasil Ltda.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Como toda empresa transnacional de olho nas Crises do capitalismo e nas oscilações do mercado, a TK se reformula para manter seu grau de competitividade. As últimas notícias sobre ela (maio 2012) divulgam a preocupação do grupo com a otimização técnica e comercial das usinas de aço Américas, no Brasil e nos Estados Unidos. Neste caso, a estratégia inicial, definida em 2007, de que “as placas seriam produzidas a um custo reduzido no Brasil e embarcadas com vantagens competitivas para os EUA”, está sendo revista nos novos parâmetros da crise mundial, quando a economia norte americana mostra pequenos índices de recuperação e o Brasil vive um momento de crescimento. Preocupada com o mercado, a empresa destaca o crescimento dos custos de produção no nosso país, principalmente com relação a mão de obra, os efeitos da inflação, a valorização da moeda, o aumento dos preços do minério de ferro. Nessa conjuntura é que a empresa avalia a possibilidade de venda do Complexo Siderúrgico de Santa Cruz (CSA) no Rio de Janeiro e no Alabama (EUA) como “operações estratégicas”⁵. Este anúncio hoje é uma hipótese, mas ele é importante por indicar o movimento do capital que, no processo de globalização, está acima do Estado e das leis e fora do controle dos cidadãos.

Uma das mudanças que nesse processo se evidencia é a desterritorialização da produção, apoiada na expansão do mercado e na velocidade das informações. Analisando a globalização como um processo que tem presença na história do capitalismo desde o século XV, David Harvey⁶ afirma que “o capitalismo não pode sobreviver sem seus ajustes espaciais”, o que implica em “reorganização geográfica”. Nela, o capitalismo

Constrói uma paisagem geográfica distinta, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infraestrutura e de organizações territoriais que

⁵ ThyssenKrupp diz que vai suspender somente algumas operações no Brasil. <http://guilhermebarros.istoedinheiro.com.br> Acesso em 22/05/2012.

⁶ HARVEY, David. *Espaços de Esperança*. 2ªed., São Paulo: Loyola, 2006.

facilita a acumulação do capital numa dada fase de sua história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior⁷.

No entanto, como alerta o autor, se a globalização contemporânea está ligada a reorganização do capitalismo, esse processo de mudanças não pode ser tomado como homogeneizador, mas a análise delas deve considerar o que elas apontam de desigual nos diversos espaços.

Do ponto de vista do capital, essas mudanças indicariam a força do sistema em conseguir melhores resultados, afirmando-se como opção única no mundo contemporâneo. Abertura de mercados, automação sempre renovada dos sistemas produtivos, velocidade do processamento das informações, flexibilização do trabalho são apontados como indicadores da capacidade e da força do sistema.

Em contraste com esses pontos apresentados como referências positivas do novo modelo de desenvolvimento na ótica do capital, assistimos a precarização das condições de trabalho e a procura de custos menores na contratação de mão de obra, incluindo os custos sociais. A notícia da venda do Complexo Siderúrgico de Santa Cruz explicita essas questões. As interpretações dos trabalhadores sobre suas trajetórias em grandes empresas, no entanto, não podem ser tomadas como uniformes ou iguais. Não é possível falar em identidade de interpretações se as narrativas são produzidas em tempos e espaços diferenciados. Compete aos pesquisadores entender também de que lugares sociais as pessoas falam e quais as motivações as impelem a relatar determinados fatos e suprimir/esquecer outros. As memórias indicam o presente de quem fala e é sobre ele que começamos nossa análise.

Os trabalhadores com contratos mais antigos, que têm uma longa trajetória na ThyssenKrupp, falam das alterações vividas nos processos de trabalho, dos efeitos das novas tecnologias adotadas no trabalho e fora dele, às vezes afetando relações familiares, e, no caso de unidades de produção novas, como Ibirité, nas mudanças trazidas para a cidade e sua população. Os entrevistados pelo Museu da Pessoa destacam as mudanças ocorridas nos últimos anos, a partir da crise de 2003/2004 (as entrevistas foram gravadas em 2007), quando a TK, buscando se afirmar no mercado,

⁷ Idem, idem, p.80-81.

investe em uma política de “valorização” do trabalhador e de “gestão” dos recursos humanos. Destacar essa problemática tem o objetivo de reafirmar a capacidade criadora de empresa de se renovar. Para a unidade de Ibitaré, instalada em 1998, muitos que trabalhavam em São Paulo foram transferidos para esta cidade, para ajudar na montagem da nova fábrica. Nesta situação específica, destacam os efeitos do processo de industrialização na cidade e região, afirmando “para a cidade foi bom”. O Sr. Euclides Montevecchi, inspetor auxiliar de produção, com 30 anos de serviço na época, descreveu assim o que ocorreu depois da chegada das indústrias:

Nós fomos os primeiros a chegar aqui na região. Hoje aqui do lado de baixo já tem várias empresas. O crescimento foi grande. Esse bairro, por exemplo, tinha poucas casas. Hoje é um bairro formado. Mas a nove, dez anos atrás não tinha tanta coisa. A empresa fez este bairro crescer, e a cidade também. Eu acho que a maior empresa da cidade é a nossa. Inclusive há uma parte da Petrobrás, mas da cidade a nossa é considerada a maior empresa. Acho que ajudou a dar um impulso na cidade. A comunidade aqui do lado. O progresso a gente vê, só sair na rua. Antes quase não se via movimento na estrada, hoje é difícil você passar com o carro, justamente por causa das empresas que chegaram depois da gente. Nesses 10 anos eu vi bastante coisa, bastante mudança no bairro e na cidade também.

Trabalhadores com contratos mais recentes também destacaram esses aspectos. Marcos Aurélio Alves de Jesus, natural de Mariana, contratado em 1999, início das atividades em Ibitaré, trabalhando no setor de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, responde a pergunta do entrevistador na mesma direção:

Isso também foi muito significativo, foi uma mudança considerável, a própria infra estrutura do bairro, e também com os segmentos, as escolas, a sociedade, tudo isso. Olha, é como um filho que você acompanha o crescimento e às vezes, quando você para e percebe, olha para o filho e fala: Como o meu filho cresceu! Também a gente percebe isso no ambiente, tanto no aspecto social como as escolas, as creches, a sociedade em si, como no aspecto de infra estrutura, o ganho que a sociedade, o bairro no geral teve nesses oito anos de empresa.

Estas afirmativas são feitas em resposta à pergunta: “Você sentiu alguma mudança na região após a instalação dela (ThyssenKrupp)?” Pergunta elaborada para

uma situação especial de comemoração, quando se espera que as narrativas construam identidade e trajetórias comuns que levem à identificação dos trabalhadores com a empresa, anulando as diferenças ou colocando-as em detalhes que não afetam a história que se quer preservada. O que se estabelece nestes diálogos produzidos em situações especiais é também uma relação de poder, onde os entrevistadores do Museu da Pessoa são expressões da própria empresa e os trabalhadores falam para um projeto que pode ser público e avaliado por ela. Como se portar nesta situação artificial criada é uma avaliação subjetiva de quem aceita o convite para participar dele e elas induzem a respostas semelhantes, as de valorização do seu trabalho na empresa e sobre ela mesma, demonstrando consciência sobre a situação vivida ali por muitos. Os projetos comemorativos são instituidores de memórias e, nelas, constroem-se trajetórias que elegem os sujeitos históricos privilegiados, mesmo que eles sejam o próprio objeto da comemoração, a empresa que está sendo valorizada.